

Portfólios bilíngues com tecnologia digital no ensino de Artes Visuais para pessoas surdas



Portfólios bilíngues com tecnologia digital no ensino de Artes Visuais para pessoas surdas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-Graduação em Inovações em Tecnologias Educacionais
Discente: Priscilla Fontenele Arnulf de Oliveira
Orientadora: Dr. Arlete dos Santos Petry

E-book elaborado por Priscilla Fontenele
Revisão de Arlete Petry



Portfólios bilíngues com tecnologia digital no ensino de Artes Visuais para pessoas surdas

Apresentação ... 4

Breve contexto da proposta ... 5

O que é o portfólio enquanto instrumento pedagógico? ... 5

A Abordagem Triangular no ensino de Artes Visuais ... 7

O Surdo: Língua de Sinais, identidade e cultura ... 9

O portfólio bilíngue ... 12

Conhecendo o aplicativo ... 12

Passo a passo exemplificado
com uma sequência didática ... 22

Aprendizagens e caminhos possíveis ... 28

Referências bibliográficas ... 29

Este e-book é um resultado da pesquisa de mestrado intitulada “Portfólios bilíngues com tecnologia digital no ensino de Artes Visuais para pessoas surdas” realizada num período de dois anos, no Programa de Pós-Graduação em Inovações em Tecnologias Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O objetivo deste material é que ele possa orientar educadores e educandos para o uso do portfólio no contexto de ensino de Artes Visuais para pessoas surdas. Apesar desse recorte, acreditamos que outros contextos de ensino podem se beneficiar desse instrumento. Então, este e-book também pode auxiliar outros educadores e educandos a perceberem potenciais da metodologia que apresentamos aqui.

Antes de apresentar o passo a passo da construção do portfólio bilíngue com o uso da tecnologia digital, vamos primeiro apresentar brevemente alguns conceitos que foram a base para esta proposta. Se você for um educador, isso te ajudará a organizar um plano de ensino mais alinhado com as potencialida-

des analisadas deste instrumento durante a pesquisa.

Para inovarmos em sala de aula, não basta inserir uma nova tecnologia ou metodologia, precisamos repensar paradigmas buscando contextos de ensino inovadores, em que a tecnologia possa entrar como uma importante aliada.

Esperamos que a caminhada por este material seja agradável e que te leve a locais onde possa vislumbrar um mundo mais acessível e inclusivo, de pessoas diversas que estão dispostas a perceber uma à outra, com empatia, com respeito e com a audácia de trocar com o desconhecido!

Para quem quiser se aprofundar nas ideias apresentadas neste e-book, poderá encontrar a dissertação completa da pesquisa no repositório online da UFRN. Além disso, pretendemos produzir uma versão v-book em Libras deste material futuramente.

O que é o portfólio enquanto instrumento pedagógico?

Pessoas envolvidas nas áreas de artes, design e arquitetura provavelmente já tiveram contato com o termo portfólio. Mas é importante que a gente diferencie o portfólio artístico/profissional do pedagógico. Enquanto o portfólio artístico/profissional pode servir para selecionar e mostrar os melhores trabalhos desenvolvidos por alguém, o nosso objetivo com o portfólio pedagógico é que ele auxilie no processo de ensino e aprendizagem de maneira estruturada e contribua para uma avaliação formativa.

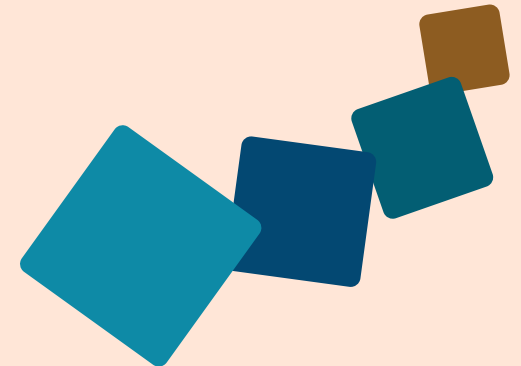
Ao buscar um conceito de portfólio pedagógico, descobrimos que há uma certa confusão sobre o que as pessoas compreendem sobre ele. No decorrer da pesquisa, relacionamos e discutimos as ideias de alguns pesquisadores e assim conseguimos ter mais clareza de certos aspectos. Aqui apresentamos uma síntese, mas lembramos que quem quiser se aprofundar pode buscar a dissertação completa no repositório da UFRN.

Em relação às competências desse instrumento, destacamos algumas:

O educando é provocado a realizar uma autorreflexão e autoavaliação nos processos de escolha de trabalhos, o que exercita sua capacidade de síntese, melhoria de autoestima, autoconfiança e autoconceito positivo

Possibilita uma avaliação formativa de uma maneira mais processual e dialógica, sem ser taxativa, contribuindo para o próprio processo de ensinar, auxiliando tanto o educando quanto o educador a refletir e repensar as atividades e as propostas, respectivamente, permitindo uma avaliação diagnóstica

Pode facilitar que cada educando reconstrua e reelabore seu processo ao longo do período de ensino. Ele também pode realizar anotações dos problemas que encontra e do que considera que está ajudando ou dificultando seu processo de aprendizagem



Em relação aos documentos e tipos de atividades, não há um limite imposto ao que pode ser inserido, isso dependerá do que for desenvolvido no plano de ensino. Apresentamos alguns exemplos:

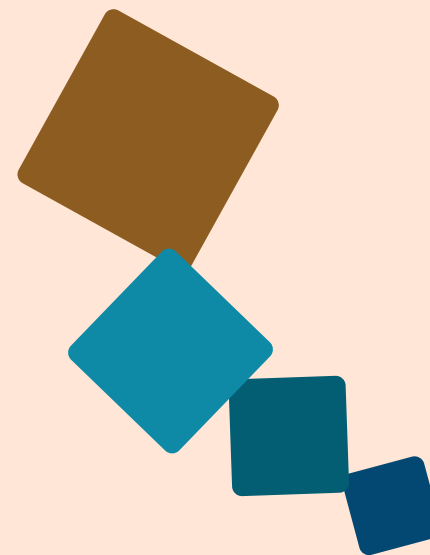
trabalhos produzidos teóricos e práticos
reflexões
textos
imagens
questionamentos
prováveis respostas
relatórios individuais
autoavaliações
problemas encontrados
anotações sobre dificuldades
reflexões sobre temas tratados em sala de aula
estudos de caso
relatórios
sínteses de discussões
produções gravadas

Percebemos que esse instrumento pode ser organizado de diversas maneiras, mas três pontos nos pareceram fundamentais:

A importância de uma prática pedagógica condizente com os objetivos propostos
Um bom planejamento sobre quais documentos irão compô-lo e como serão organizados
Acompanhamento do educador para a sua construção de maneira orientada e formativa

O risco de não ter clareza dos objetivos e dos métodos utilizados para alcançar esses objetivos, é que o educador pode acabar apenas reunindo um conjunto aleatório de trabalhos, ou até mesmo de apenas solicitar um trabalho qualquer e isolado, e nomear de portfólio, sem que isso realmente contribua para a aprendizagem de seus educandos, refletindo o desenvolvimento, competências e habilidades deles.

O planejamento e acompanhamento feito pelo educador acontecem de acordo com cada plano de ensino. Portanto, para ilustrar o processo, apresentamos neste e-book um passo a passo de construção do portfólio bilíngue Libras/Língua Portuguesa com o exemplo de uma oficina de Arte Urbana de oito encontros.

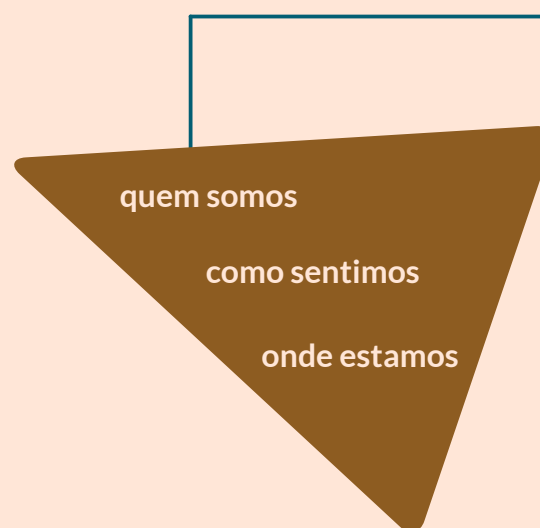


A Abordagem Triangular no ensino de Artes Visuais

Existem diversas maneiras de se ensinar Artes Visuais. O que apresentamos aqui é uma abordagem pedagógica que se demonstrou con-
dizente com o uso do portfólio, a Abordagem Triangular. A escolha dessa abordagem tam-
bém está relacionada com uma determinada compreensão do que é propriamente arte.

Entendemos que a arte é uma manifestação intimamente relacionada ao humano e carrega conceitos estéticos permeados por senti-
mentos, cultura, vivências e saberes indivi-
duais. Ela promove uma comunicação entre o criador da obra e as pessoas que a acessam. Além disso, “é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo” (BARBOSA, 2014, p.4), não servindo apenas como um instrumento de desenvolvi-
mento, mas sendo também um componente de nossa herança cultural.

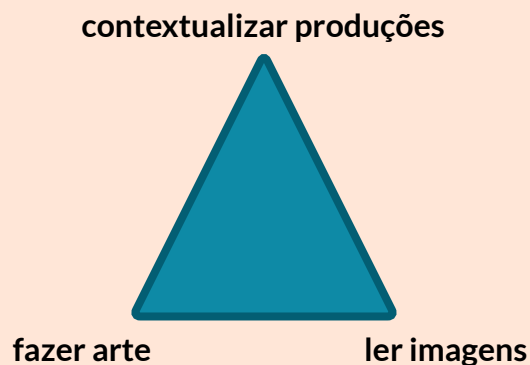
Ana Mae Barbosa (2010), fala que a arte tem a potencialidade de permitir uma visualização de



Ao longo da história da humanidade, as imagens estão presentes de diversas formas e são utilizadas para que nós possamos contar sobre nós mesmos, nossas crenças, necessidades, e para que possamos nos transformar e ao nosso cotidiano. Hoje somos bombardeados por imagens na televisão, nos aparelhos digitais, na internet, no cinema, e essas imagens carregam conteúdos políticos, ideológicos e mercadológicos que influenciam nossas tomadas de decisão.

Considerando essas visões, vemos como o ensino de Artes Visuais pode ter um impacto importante e positivo no desenvolvimento humano. Aqui nos interessa desenvolver um olhar reflexivo e crítico sobre as imagens que consumimos. Comprendemos que esse olhar precisa ser ensinado e estimulado, para se tornar um olhar ativo.

A Abordagem Triangular é uma perspectiva da arte/educação que propõe um ensino e aprendizagem no sentido de formação do indivíduo, entrelaçando desenvolvimento cognitivo, emocional, cultural e social. Ela corresponde aos modos de como se aprende, mas a metodologia é uma construção de cada educador em sala de aula, por isso até mesmo educadores de outras áreas podem se beneficiar dessa proposta. Possui três pilares norteadores que estão interrelacionados:



Para isso, são articulados saberes e habilidades teórico-práticos, com contínuas reflexões críticas acerca desses saberes e produções. As atividades desenvolvidas são variadas, podendo entrelaçar produção de imagens, textos, entre outras. A utilização do portfólio nesse contexto possibilita não apenas organizar e acompanhar essas produções dos educandos, mas também auxilia na articulação desses pilares e no norteamento da prática pedagógica do educador, contribuindo no desenvolvimento de suas propostas.

A contemporaneidade possibilitou novos direcionamentos ao ensino de artes, uma vez que a arte passou a ser compreendida como um modo de produção cultural dentro de contextos específicos. A produção artística se torna objeto de análise do pensamento crítico problematizador, considerando a multiplicidade e a pluralidade de realidades a serem interpretadas.

“Na opinião de Efland (2005), é nesse momento que a arte cumpre com seu papel de compreensão da construção das realidades e dos panoramas sócio culturais onde o indivíduo se situa, estendendo a compreensão para os sistemas econômicos e políticos vinculados às questões de etnias, gênero, crenças e filosofias”

(MOREIRA, SILVA e VIANA, 2009, p.346)

O Surdo: Língua de Sinais, identidade e cultura

Compreendemos o sujeito surdo a partir de uma concepção socioantropológica. Por isso, a proposta do portfólio bilíngue busca trazer o sujeito surdo, sua língua, identidade e cultura como centro de referência para elaboração da metodologia desse instrumento.

A Língua de Sinais é uma língua de modalidade espaço-visual, diferente das línguas orais que são de modalidade oral-auditiva. Assim como existem diversas línguas orais no mundo, também existem diversas línguas de sinais e elas são consideradas as línguas naturais dos sujeitos surdos de cada local. No Brasil, temos oficializada a Língua Brasileira de Sinais, conhecida como Libras. As Línguas de Sinais são consideradas um dos principais artefatos culturais do povo surdo e refletem sua maneira visual de perceber e compreender o mundo.



O termo “ouvintismo” é uma analogia ao termo “colonialismo”, e se refere a práticas baseadas numa vivência ouvinte impostas aos surdos. Os movimentos surdos, no decorrer de sua história, passaram a se organizar enquanto resistência aos modelos ouvintistas.

A percepção e compreensão do mundo por meio da visualidade gera valores, comportamentos comuns compartilhados e tradições sócio-interativas, caracterizando a cultura surda. E é dessa maneira singular que o surdo vai construir a realidade histórica, política e social, ou seja, como vai conceber o mundo.

A pesquisadora surda Karin Strobel (2008) compreende que é o sentimento de pertencimento ao grupo, o uso da língua de sinais, a luta política por seus direitos, ou seja, esse complexo, que define as identidades surdas.



Além da compreensão de quem são esses sujeitos, precisamos saber como a acessibilidade e inclusão deles são pensadas. Amanda Tojal (2007) reflete sobre a importância das políticas. Ela explica como elas têm um importante papel em mediar os direitos à igualdade entre as pessoas. Em relação ao surdos podemos citar algumas legislações brasileiras, importantes de serem conhecidas:

Lei nº 10.436/2002 – dispõe sobre a Libras
Decreto nº 5.626/2005 – regulamenta a Lei nº 10.436/2002

Lei nº 12.319/2010 – regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais

Lei nº 13.146/2015 – institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI)

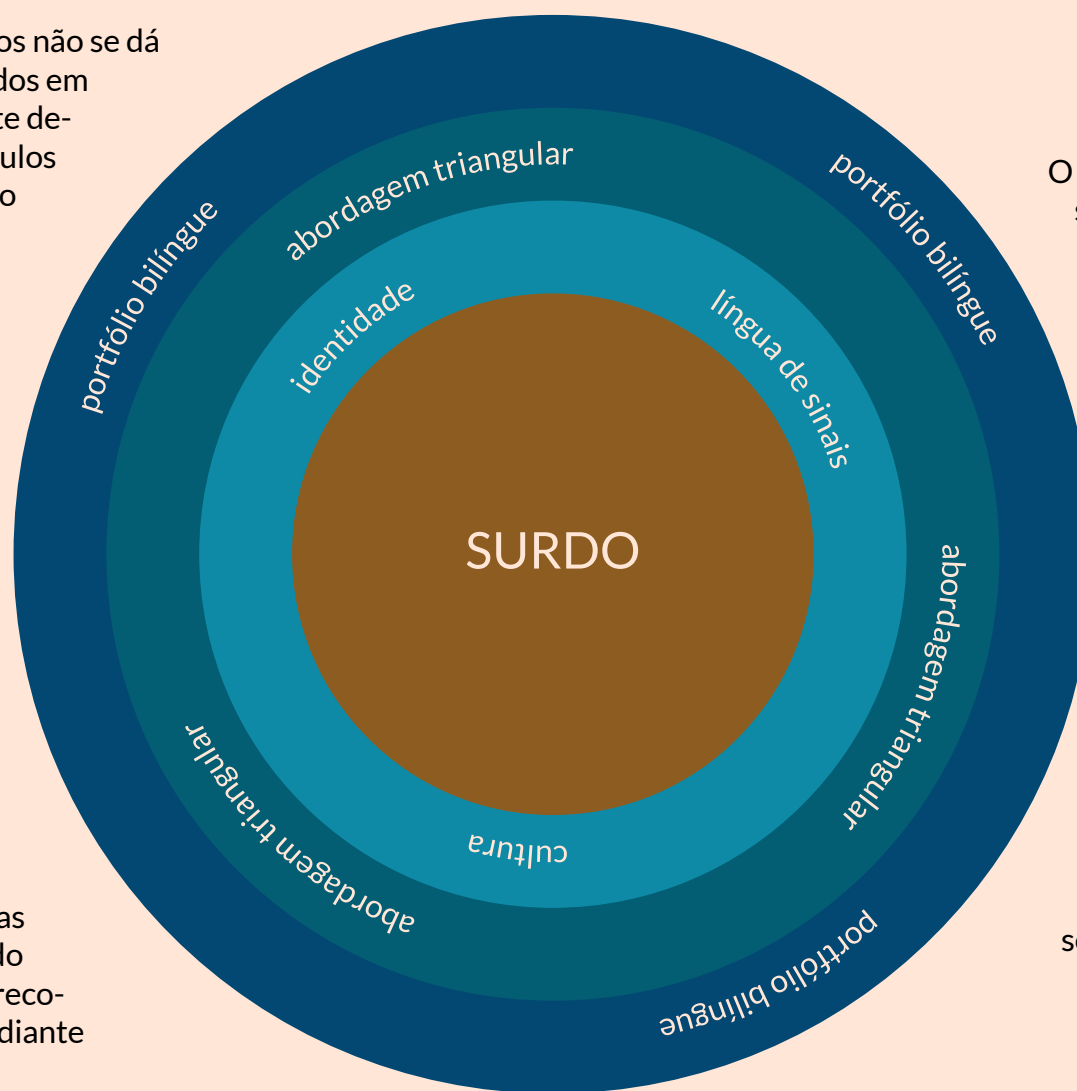
Além dessas legislações nacionais, é interessante considerar outros documentos. O Brasil é um Estado-membro das Organização das Nações Unidas, a ONU. Essa organização tem uma agência especializada conhecida como UNESCO, as Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Para compreender melhor a importância da acessibilidade, recomendamos a leitura de dois documentos orientadores internacionais:

Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, de 2002

A garantia dos direitos dos surdos não se dá apenas por acessibilizar conteúdos em Libras, mas também é importante desenvolver metodologias e currículos específicos e promover o contato com a cultura surda. Uma das propostas que vem sendo defendida nesse sentido é o da escola bilíngue, em que a Língua de Sinais é ensinada como primeira língua e a língua oral é ensinada na sua modalidade escrita como segunda língua.

A pesquisadora Ronice Quadros (2003) entende que essa forma de pensar o ensino de surdos torna a Língua de Sinais o início, o meio e o fim das interações sociais, culturais, políticas e científicas, permitindo não apenas a aquisição da linguagem, mas ela como parte da constituição do sujeito, da significação de si, do reconhecimento da própria imagem diante das relações.

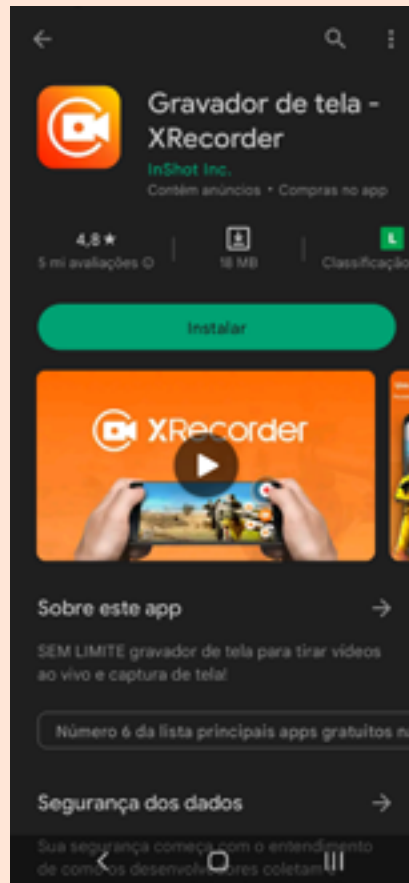


O portfólio bilíngue traz o sujeito surdo e sua língua como protagonistas no desenvolvimento de sua produção. Dessa forma é possível realizar atividades que envolvem produção textual em Libras, realizar anotações em Libras relacionadas às obras ou outras imagens trabalhadas, inserir palavras ou frases escritas em Língua Portuguesa e organizar todas as atividades em um único produto final que é entregue ao educador. Para realizar isso, é utilizado um aplicativo de celular smartphone, uma tecnologia que é encontrada no cotidiano da sociedade contemporânea.

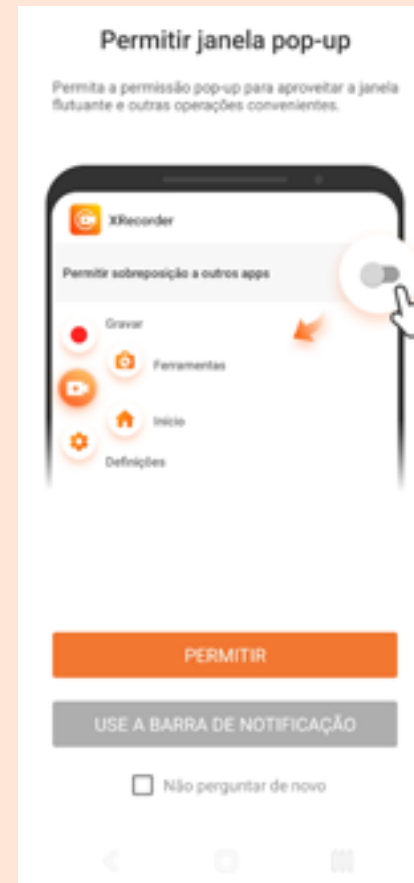
Conhecendo o aplicativo

Vamos apresentar o aplicativo XRecorder, porém existem outros similares que também podem ser adotados com as adaptações necessárias de acordo com os recursos disponíveis no aplicativo escolhido.

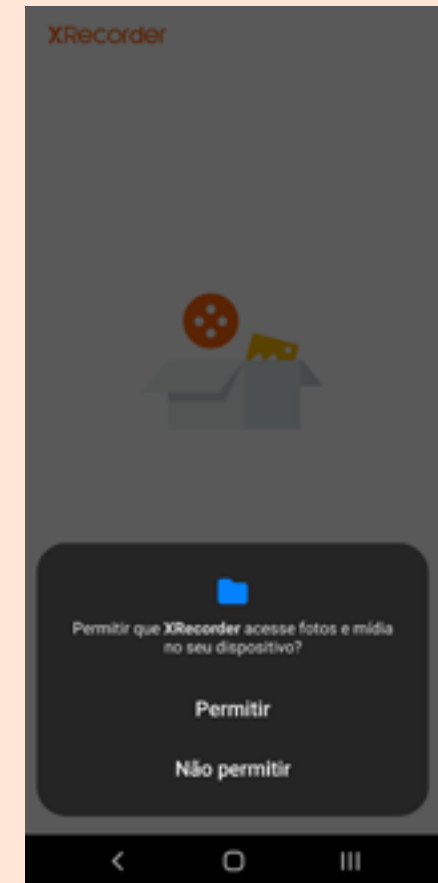
O primeiro passo é a instalação do aplicativo e liberação das permissões necessárias para sua efetiva utilização, conforme apresentado nas figuras ao lado.



Instalação do aplicativo



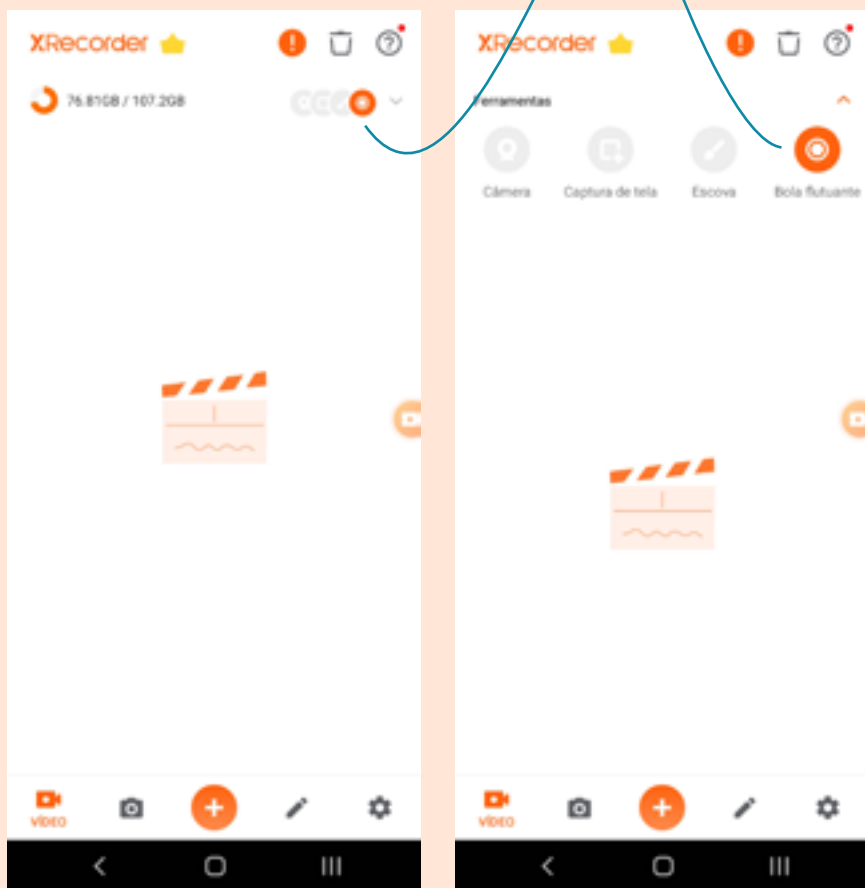
Primeira permissão



Segunda permissão

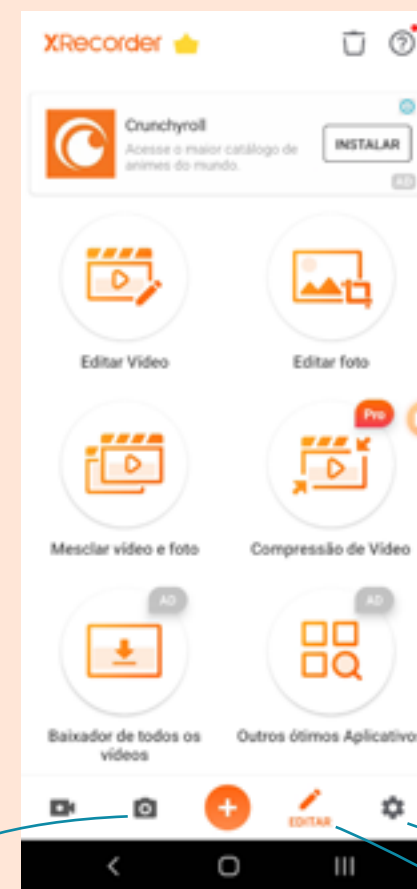
Após dar as permissões solicitadas, temos acesso à tela inicial do aplicativo. Nela estamos no menu Vídeo, tendo acesso à galeria de vídeos e algumas ferramentas que são utilizadas para a gravação do portfólio.

É importante que o ícone Botão flutuante esteja ativado para que o ícone flutuante de navegação esteja disponível para posterior controle.



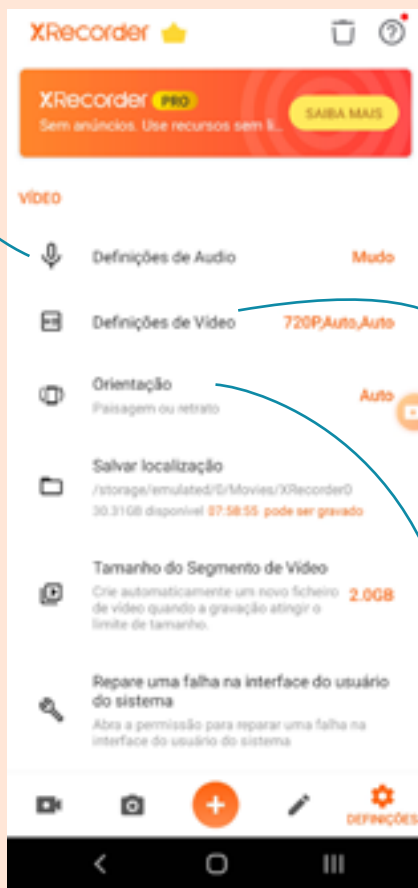
Tela inicial / Menu Vídeo

Menu Editar

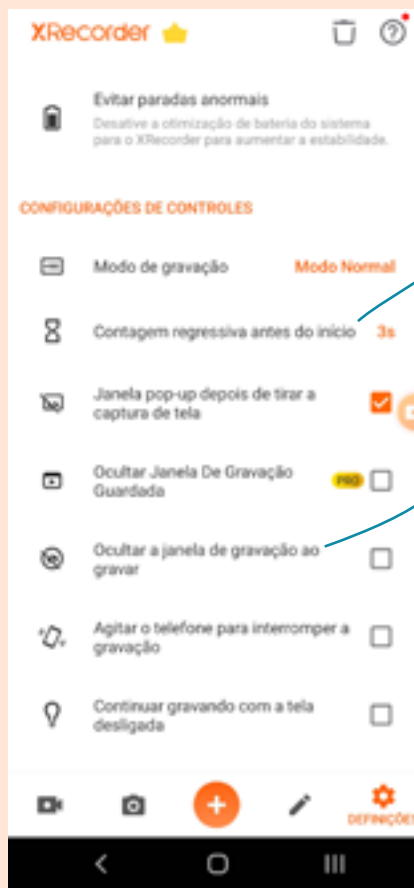


Ao navegar no menu inferior podemos ter acesso ao menu Foto (não utilizaremos, por isso não foi representado), ao menu Editar (veremos posteriormente em mais detalhes) e ao menu Definições.

Antes de iniciar a utilização do aplicativo, recomendamos algumas configurações que podem ser realizadas no menu Definições. No submenu Vídeo devemos configurar “Definições de Audio” para “Mudo”, uma vez que não é nosso intuito captar som pelo microfone ou sendo emitido pelo celular, como uma música, por exemplo.



Submenu Vídeo



Submenu Configurações de controles

A depender da capacidade do celular pode-se optar por uma maior ou menor “Definição de Vídeo” que impacta na qualidade da imagem e no tamanho do arquivo. É interessante definir uma “Orientação” fixa para que todos os vídeos possam compor o portfólio de forma harmoniosa.

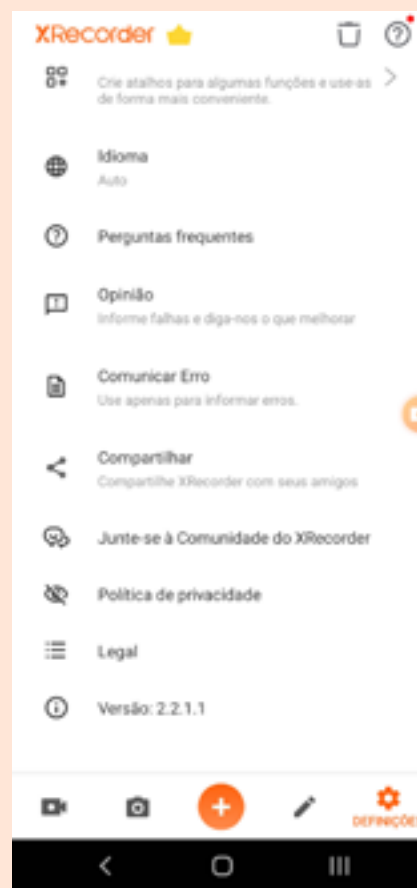
No submenu Configurações de controles temos o recurso “Contagem regressiva antes do início” que auxilia para que a pessoa tenha tempo de se ajustar adequadamente entre o ato de clicar para iniciar a gravação e o início de fato. Acreditamos que três segundos sejam suficientes, mas cada um poderá aumentar de acordo com a preferência. A opção “Ocultar a janela de gravação ao gravar” deve ser mantida desmarcada para que seja possível pausar ou finalizar a gravação com mais facilidade.

No submenu Ferramentas, que também pode ser acessado a partir da tela inicial do menu Vídeo, podemos deixar habilitados a “Câmera” e a “Escova” (o mesmo que Pincel). Assim, ao iniciar a gravação da tela, essas ferramentas já estarão ativas para serem utilizadas.



Submenus Ferramentas e Outras

No submenu Outras, não há necessidade de alterações.



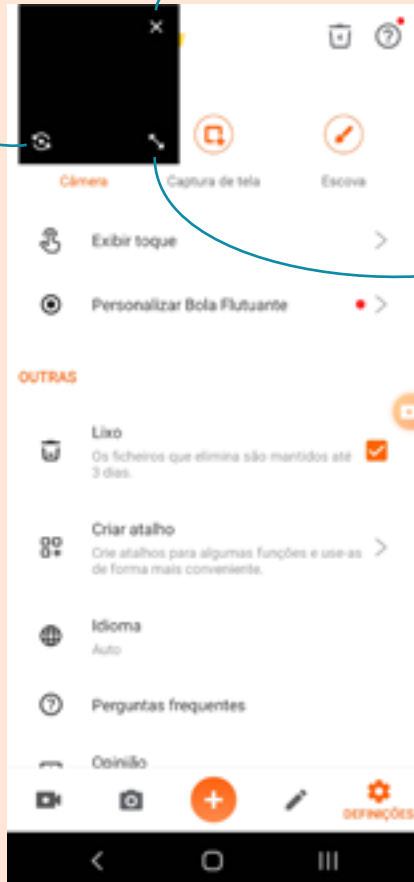
Submenu Outras (continuação)

Ao habilitar a Câmera, a janela é aberta com três ícones. Ao clicar no meio da janela e arrastar é possível navegar pela tela.

inverter câmera frontal/traseira
(deve ser mantido frontal)

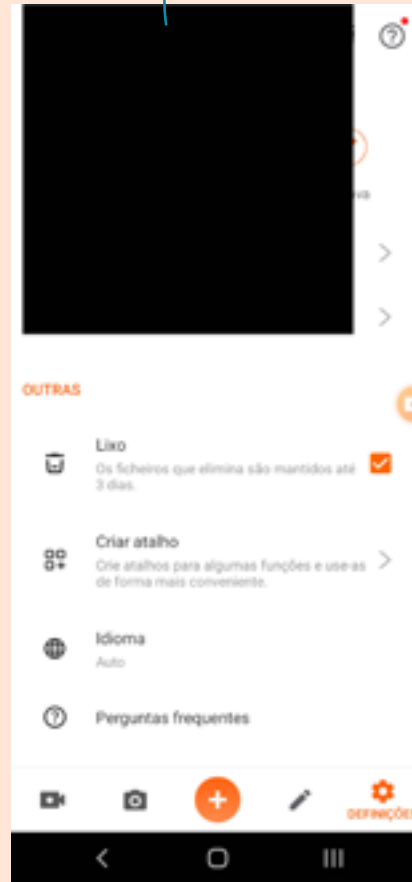
fechar

redimensionar



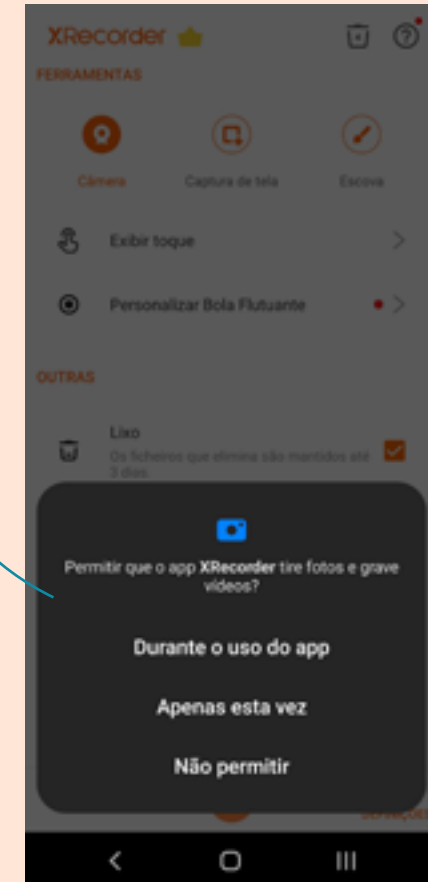
Câmera habilitada

janela redimensionada



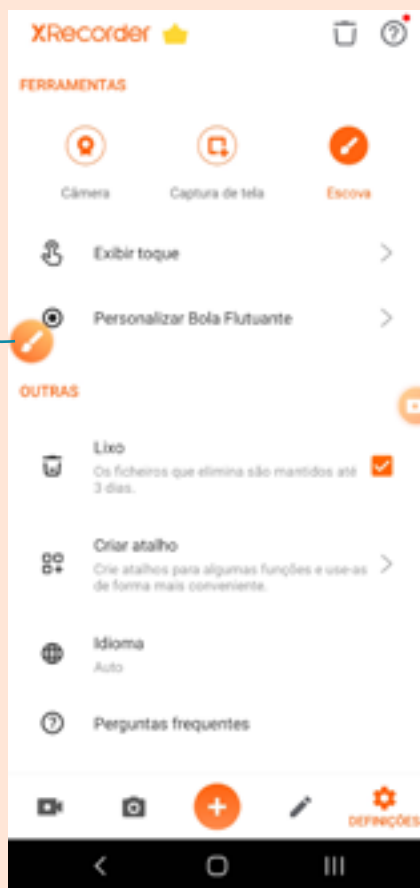
Câmera habilitada

Ao habilitar a câmera, o aplicativo solicita permissão do celular para poder fotografar e fazer vídeos.



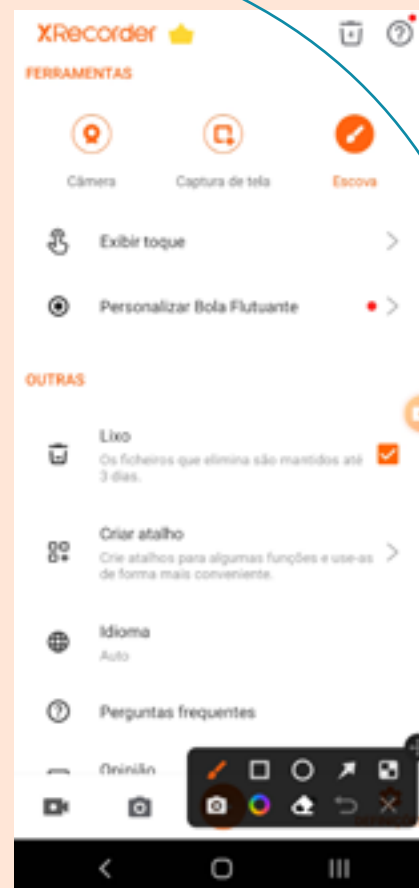
Solicitação de permissão

Ao habilitar a Escova podemos ver o ícone flutuante que pode ser movido pela tela.



Escova habilitada

Após clicar no ícone flutuante, é aberta a caixa de opções onde podemos realizar ajustes de espessura, alteração de cor, utilizar formas prontas como quadrado, círculo e seta, apagar algum traço/forma com a borracha, desfazer ações e fechar. Ao fechar a caixa de opções, automaticamente tudo é apagado e o ícone Escova volta a ficar disponível no canto da tela.



Escova habilitada

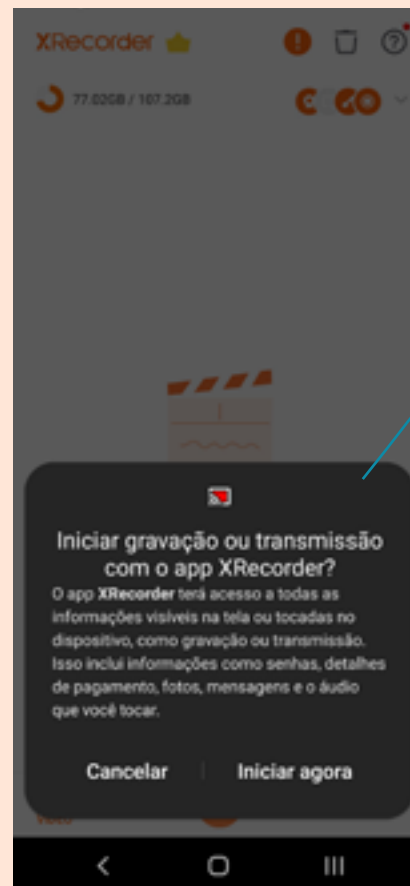
Agora chegamos no recurso de iniciar a gravação. Existem alguns caminhos diferentes para isso, mostramos dois. É possível iniciar clicando no círculo laranja com um sinal de “+” localizado no menu inferior. Ao clicar é iniciada a contagem regressiva com o tempo previamente determinado.

Outra forma é pelo ícone flutuante da câmera, que ao ser clicado abre um menu de opções. Para iniciar a gravação basta clicar no primeiro ícone acima, representado por um círculo vermelho.

Independente da forma de iniciar, sempre aparece uma mensagem confirmando se é para iniciar a gravação.

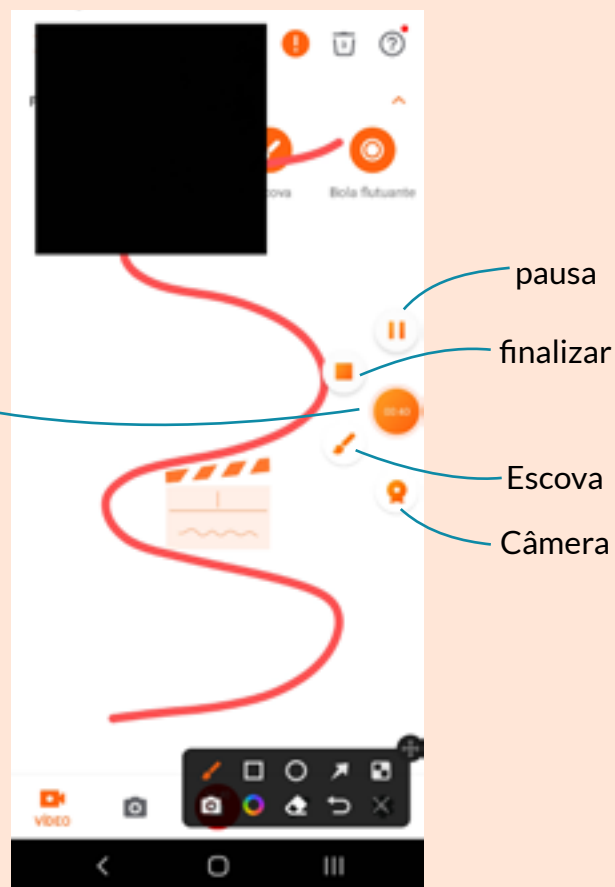


Iniciar gravação



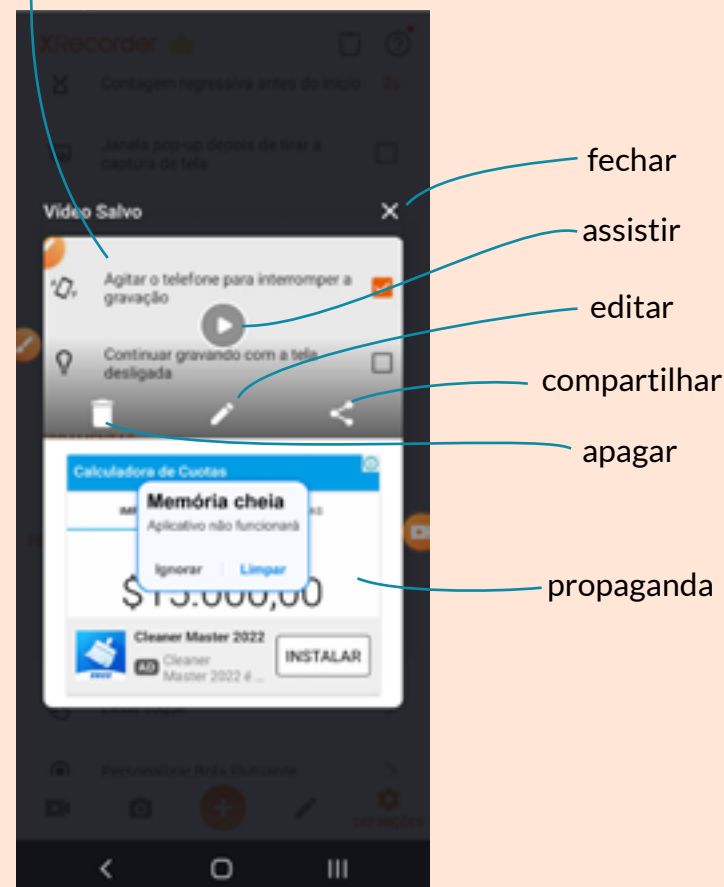
Mensagem para iniciar gravação

Após os registros necessários, para finalizar a gravação basta clicar novamente no ícone flutuante que o menu será aberto. A primeira opção é a de pausa, sendo possível pausar, alterar a imagem ao fundo, por exemplo, e retornar à gravação, a deixando mais limpa. A segunda opção é a de encerrar a gravação. As outras duas são as ferramentas Escova e Câmera, que também podem ser acionadas ou fechadas por esse menu.



Gravação em andamento

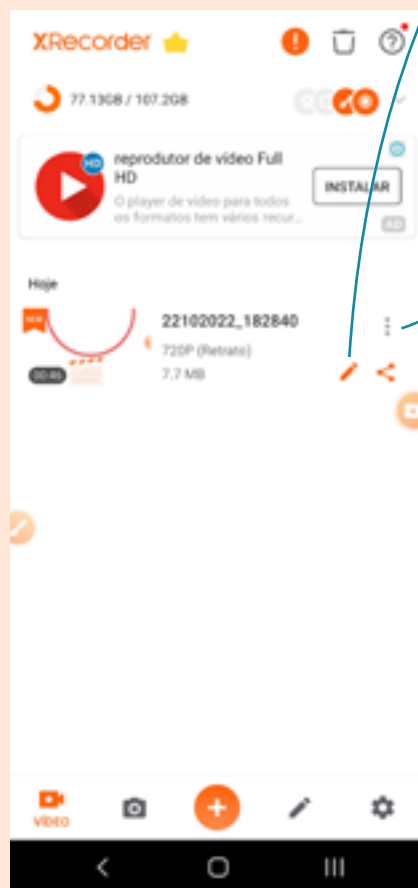
Ao finalizar a gravação o vídeo é automaticamente salvo e aparece uma imagem capturada do próprio vídeo gravado. Aparecem alguns ícones que possibilitam fechar a janela, assistir o vídeo, apagá-lo, editá-lo ou compartilhá-lo. É importante avisar que a mensagem que aparece abaixo é uma propaganda e não representa nenhuma informação do celular, sendo importante tomar cuidado para não ser clicada equivocadamente.



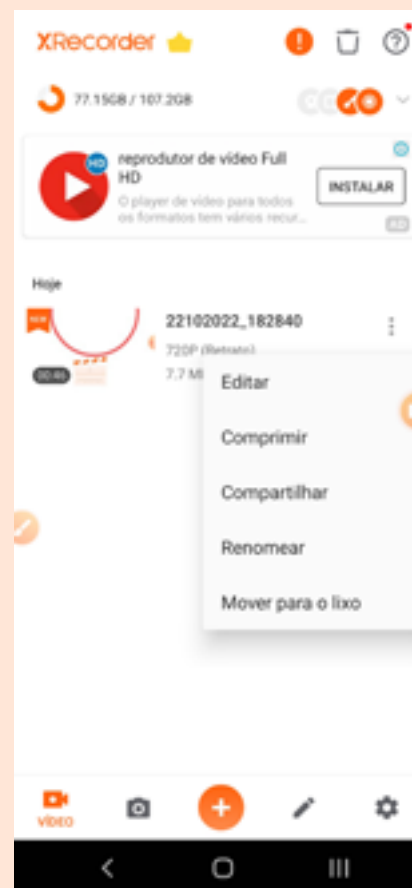
Gravação finalizada

Assim como outros recursos, para editar o vídeo existem diferentes caminhos. No momento da edição é possível adicionar palavras escritas em Língua Portuguesa e mesclar os vídeos gravados, independente de terem sido feitos no aplicativo ou diretamente pela câmera do celular. O primeiro modo é como mostrado na página anterior, ao finalizar a gravação.

Outra forma de editar é partindo da própria tela inicial dos vídeos, em que aparece a lista de vídeos gravados. Tanto no ícone do lápis quanto ao clicar nos três pontinhos um pouco acima, terá a opção de editar. No menu que se abre ao clicar nos três pontinhos há outras opções. Uma opção importante de comentar é a de Renomear, pois isso facilita a organização dos vídeos para posterior estruturação do portfólio final.



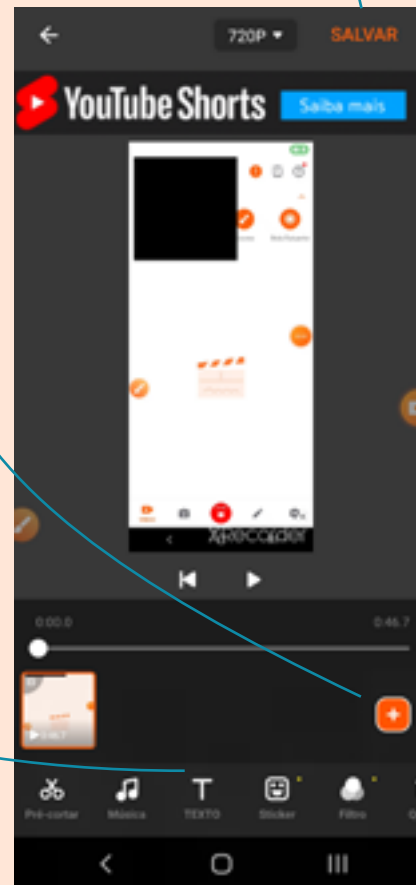
Menu Vídeo



Menu Vídeo

Ao clicar em Editar acessamos a ferramenta. Aqui o que nos interessa é o ícone “T” de edição de texto e o ícone laranja com um sinal de “+”, que ao ser acionado nos conecta tanto com a galeria do aplicativo quanto com a galeria do celular, permitindo selecionar outros vídeos para encadear/mesclar. Também é possível reordenar conforme são adicionados, clicando em cima e arrastando.

Para finalizar, basta clicar em Salvar no canto superior direito. É importante alertar novamente que a faixa logo acima da imagem do vídeo é uma propaganda.



Edição do vídeo

Passo a passo exemplificado com uma sequência didática

Conhecendo os recursos do aplicativo, vamos agora ao exemplo de como um portfólio bilíngue pode ser construído. Para isso, apresentamos uma sequência didática de exemplo, onde são apresentadas as orientações das atividades para construção do portfólio.

A temática escolhida é Arte Urbana, focando na técnica da colagem para a produção de lambe-lambe, buscando desenvolver relações com questões de identidade e abstração de ideias por imagens. A sequência está organizada em 8 encontros de duas horas cada.

A sequência foi pensada para um público jovem de Ensino Médio, mas pode ser adaptada para outros níveis de ensino. Pode ser desenvolvida interdisciplinarmente com as aulas de Língua Portuguesa. Os materiais e recursos necessários para sua realização são:

- Computador**
- Projeter**
- Lambes impressos**
- Papelão grande**
- Cola líquida**
- Pinceis e/ou rolos**
- Revistas**
- Tesouras**
- Celular do tipo smartphone**
- Impressora**



Colagem de lambe-lambe sobre papelão

1º encontro

É feita uma breve contextualização e apreciação de arte rupestre e arte urbana contemporânea, com momentos de diálogo e reflexão. É interessante levantar a discussão da importância da imagem no decorrer da história humana e os potenciais expressivos, sociais, políticos da arte urbana contemporânea. Também comentar sobre o preconceito existente em relação a esse tipo de arte, podendo ser considerada vandalismo, ao mesmo tempo que pode ser encontrada em galerias ou artistas serem contratados para produzir esse tipo de arte. Ao apresentar imagens de Arte Urbana são exemplificadas algumas técnicas como o grafite, o lambe-lambe e o stencil.

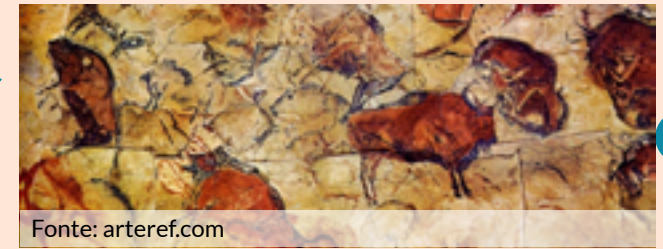
Também é apresentado o grafiteiro surdo brasileiro Odrus e sua obra. Nesse momento já damos início a reflexões sobre identidade ao apresentar uma obra do artista em que pintou uma mão de tom de pele preto, fazendo o sinal de “eu te amo”, com características humanizadas, como um gorro de cabeça em um dos dedos, um anel no outro, um sorriso na palma da mão e pernas com tênis saindo da base da mão. O objetivo é que os educandos possam ter uma referência de um artista surdo, conhecer sua história e começar a refletir sobre como a identidade pode ser expressada por meio imagens.



Grafite de Negamburguer



Grafite de Odrus



Pinturas de animais na caverna de Altamira, Espanha



Lambe de Alberto Pereira



Stencil de Isaac Mendes

2º encontro

São dispostas obras impressas para que os educandos analisem e tenham a oportunidade de escolher uma, justificando o motivo da escolha. Esse é um momento que pode gerar bastante diálogo entre a turma. Na sequência, eles terão a oportunidade de experimentar colar a arte com a técnica do lambe-lambe em um pedaço de papelão que simula uma parede.

A técnica da colagem é apresentada, além de alguns exemplos de obras com a temática de identidade, inclusive criações do próprio educador ou de turmas anteriores. Os educandos são instigados a refletir sobre a própria identidade, podendo ser orientados com algum roteiro de perguntas direcionando a reflexão. Eles devem fazer um vídeo-texto sobre a própria identidade. Com o uso do aplicativo, irão adicionar palavras escritas em português de algumas das características expressadas. Os educandos já poderão ter acesso às revistas e começam a pensar em ideias para suas obras. O educador recebe os vídeos, que podem ser enviados de diversas formas, como alguma nuvem de armazenamento coletiva, e-mail, mensagem de aplicativo, bluetooth. Analisando os vídeos pode perceber palavras-chave mais recorrentes e organizar algumas imagens para apresentar no encontro seguinte, para que os educandos possam compreender formas de abstrações dessas ideias por meio de imagens.

3º encontro

No início da aula, as imagens organizadas a partir das palavras-chave selecionadas dos vídeos-textos são apresentadas e discutidas, para verificar a compreensão dos educandos. É importante estimular a percepção de imagens que podem representar ideias abstratas.

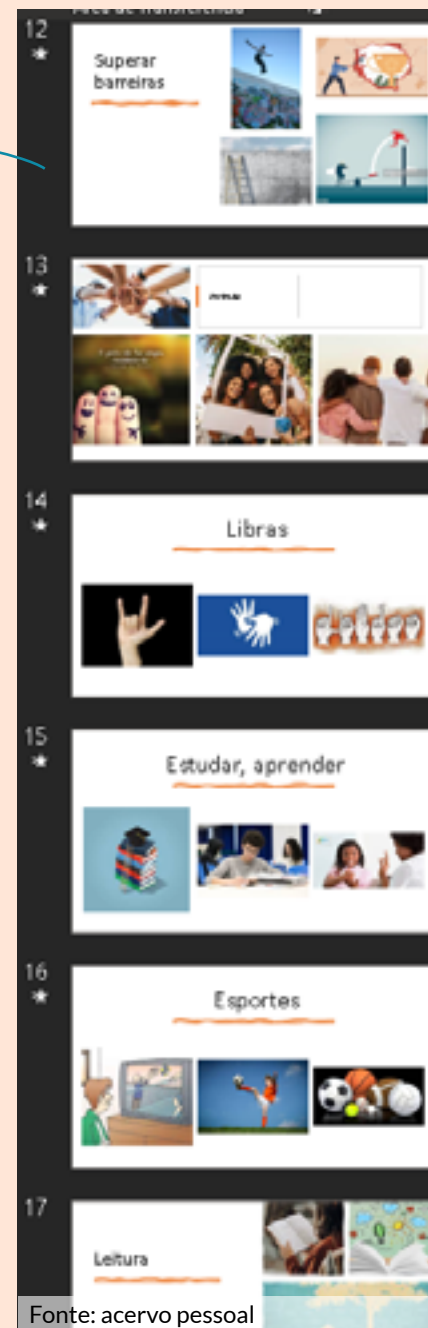
É possível que essa apresentação auxilie os educandos a terem ideias para suas obras. Após a apresentação, os educandos começam a criar, contando com o auxílio e orientações no decorrer da aula. A primeira obra deve relacionar a própria imagem com elementos trazidos pelo vídeo-texto da aula anterior.

É interessante que já se possa fotografar e imprimir as imagens para a produção das colagens. As obras produzidas devem ser fotografadas para que posteriormente sejam impressas e aplicadas como lambe-lambe.



Fonte: acervo pessoal

Técnica da colagem



Fonte: acervo pessoal

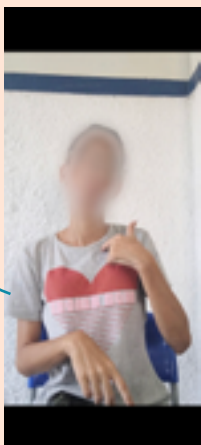
Imagens de exemplo das palavras-chave

4º encontro

Aula focada na produção artística. Conforme os educandos vão avançando nas produções, poderão começar a produzir sem a utilização da própria imagem, mas com a representação do seu sinal em Libras.

Durante as aulas, os educandos são incentivados a dialogar entre si sobre suas produções, trocando percepções, reflexões e ideias. Quando julgar conveniente, o educador pode intervir chamando a atenção de todos ou de algum grupo para questões que surgirem no decorrer da produção.

Os educandos também poderão produzir um vídeo-texto reflexivo sobre o que aprenderam acerca de arte urbana diretamente da câmera do celular. Com o uso do aplicativo, deverão adicionar palavras escritas em português de alguns termos-chave como a temática, nomes de materiais, técnicas. Ao finalizar, enviar para o educador.



Vídeo-texto

5º encontro

Aula focada na produção artística. Algumas obras já produzidas podem ser impressas para que os educandos experimentem colar no papelão as próprias obras criadas.

Além de continuar orientando o processo de produção e dialogando sobre ideias e conceitos a partir das questões que surgem no processo, o educador pode começar a dar um retorno sobre o último vídeo-texto recebido. Sugere-se priorizar os que tiveram mais dificuldade ou que julgou interessante que seja refeito. A depender do desempenho da turma, pode ocupar um momento da aula para esclarecer questões semelhantes que tenha observado.

Ao final da aula, os educandos utilizam o aplicativo para produzir um vídeo-texto comentando sobre o processo de criação de uma obra, sendo livre a escolha da obra. Durante a aula o educador pode dar pistas e orientações sobre essa escolha, mas a escolha final fica a critério do educando.



Vídeo-texto comentando obra

6º encontro

Com a aproximação do último encontro, os educandos poderão continuar suas produções e trocas, mas deverão encaminhar a finalização das criações e escolher apenas uma obra para ser colada em um local de escolha da turma, preferencialmente um local que possa ser solicitado autorização, como uma parede, muro, poste, porta, entre outros, da própria instituição. As fotografias sendo enviadas para o educador podem ser impressas até o encontro seguinte.

Com a escolha da obra, os educandos deverão produzir um vídeo-texto com o uso do aplicativo, relacionando a própria identidade com a obra escolhida, inserir palavras escritas em português com os tópicos principais comentados. O educador media o processo, auxiliando nas reflexões e tirando dúvidas.

Até o próximo encontro, sugere-se que cada um filme comentários em Libras de quatro pessoas diferentes que não tenham acompanhado o processo de criação da obra. A ideia é que os educandos não expliquem sobre a obra, mas colem o comentário para captar a leitura que os outros podem fazer da sua obra. Depois poderão conversar com a pessoa e explicar o que acharem necessário. O ideal é que realizem a atividade com duas pessoas surdas e duas ouvintes, mas caso encontrem dificuldade, não é obrigatório seguir essa proporção.

7º encontro

O início da aula é voltado para a colagem final das obras que os educandos escolheram, no local definido pela turma. Ao finalizar, os educandos observarão as diversas obras e dialogar com os colegas sobre suas leituras. O educador é um mediador do processo.

Ao final, produzirão um vídeo-texto comentando de forma geral sobre a produção da turma, relacionando com os conteúdos trabalhados até aqui. Poderão fazer diretamente com a câmera ou exibir uma fotografia do mural e comentar com o uso do aplicativo.

Para finalizar, deverão fazer a seleção de dois, dos quatro comentários coletados durante a semana, adicionar termos centrais escritos em português e organizar o portfólio final que será estruturado da maneira relacionada abaixo:

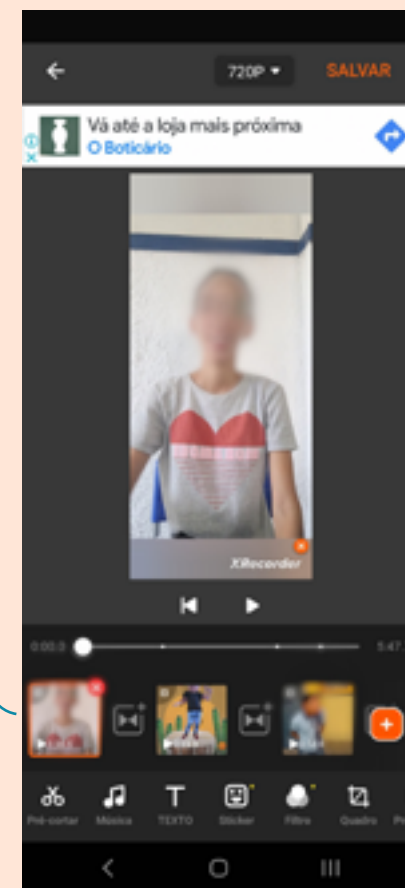
Vídeo-texto sobre o que aprendeu acerca de arte urbana

Vídeo-texto relacionando a obra criada que mais se identificou com a própria identidade

2 vídeos-comentário da obra

Vídeo-texto comentando sobre as obras da turma

Com o portfólio finalizado, solicita-se compartilhar com o educador.



Organização do portfólio

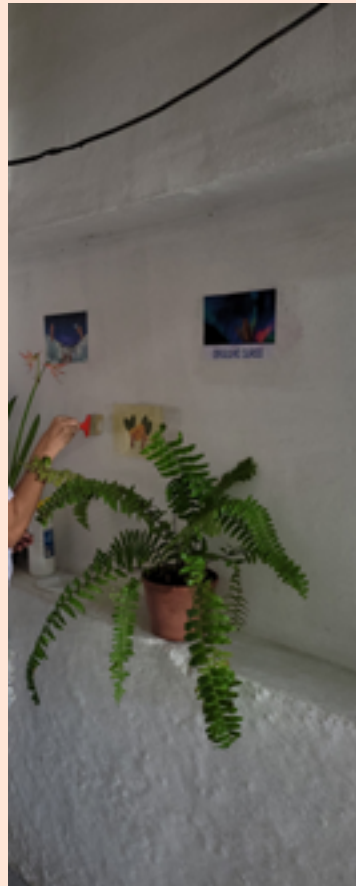
8º encontro

O último encontro é voltado para um último retorno do portfólio. No decorrer dos encontros, o educador já deve ter acompanhado a produção das atividades e dado possíveis orientações. Esse é um momento que se pode dar algumas orientações gerais, destacar aspectos positivos e, individualmente, dar retornos mais específicos que o educador considerar oportunos.

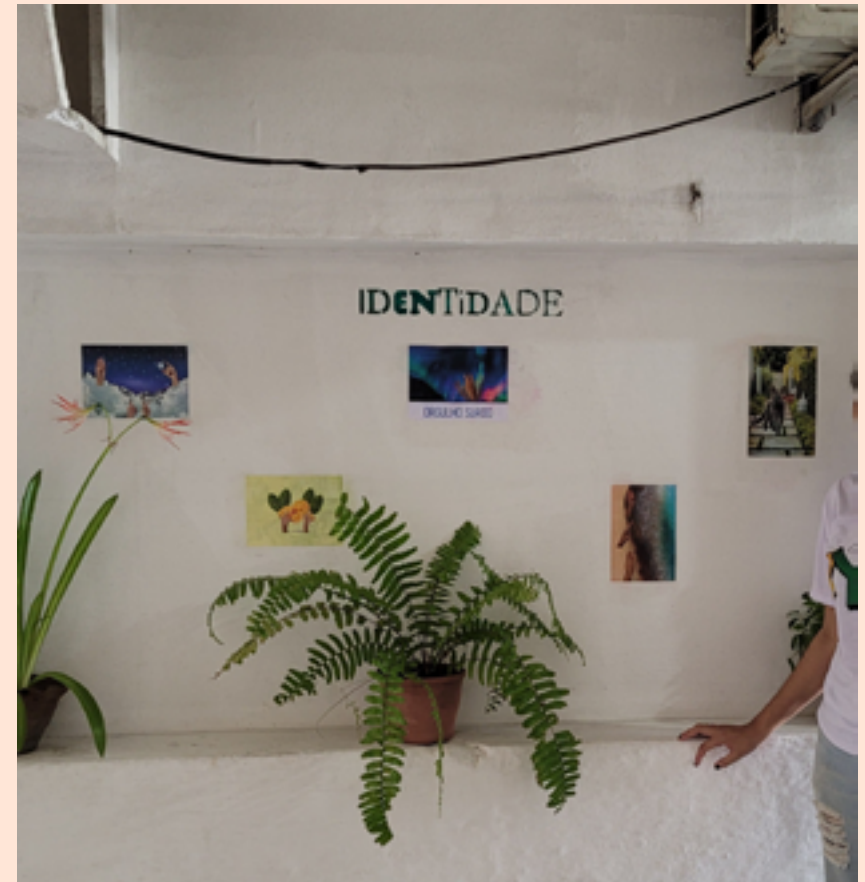
Caso seja necessário, os educandos terão ainda mais uma oportunidade de refazer alguma atividade e reenviar o portfólio para que o educador encaminhe a avaliação final.



Aplicando stencil



Aplicando lambe



Artes na parede

Aprendizagens e caminhos possíveis

É importante falar que esse é um instrumento que exige tempo do educador, pois ele deve se manter em constante diálogo com seus educandos. Tempo para acompanhar, analisar, permitir a reconstrução por parte dos educandos, dialogar novamente.

Quando os educandos estiverem utilizando o aplicativo pela primeira vez, talvez tenham alguma dificuldade e levem mais tempo para produzir a atividade proposta. Esse tempo para aprender a usar o aplicativo deve estar previsto no planejamento de ensino. A pesquisa de mestrado apontou que esse pode ser um processo relativamente rápido, uma vez que seu uso se demonstrou intuitivo e os participantes, de idades variando de 13 a 35, apresentaram pouca ou nenhuma dificuldade inicial.

Além disso, ressaltamos que é possível adicionar, além dos vídeos, arquivos de imagens. Nessa oficina não foi solicitada nenhuma atividade que envolvesse a simples adição de imagens, mas esse recurso poderia ser explorado para a adição de obras sem comentários ou, ainda, apresentar as imagens utilizadas como referência para criação de determinada obra.

É possível que os educandos encontrem novas soluções, que poderão ser aceitas pelo educador. Por exemplo, apesar de existir a ferramenta Escova para apontar elementos específicos da obra, a forma mais utilizada pelos participantes da pesquisa foi comentar sobre um elemento movendo a janela próxima a ele e apontando com o dedo. Outro exemplo é o de uma das participantes que utilizou a própria janela flutuante para circular/apontar elementos que ia comentar. Outra participante optou por utilizar o recurso da janela de gravação no formato redondo, ao invés de quadrado. Essas descobertas podem ser frutíferas para incrementar o próprio aprendizado do educador em relação ao aplicativo, ampliando as opções de uso.

Referências bibliográficas

- ACESSÍVEL. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/acessivel/>>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- ALMENARA, I. Qual o sistema operacional de celular mais usado do mundo? Canaltech, 25 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/software/qual-o-sistema-operacional-de-celular-mais-usado-do-mundo-223862/>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.
- ALVARENGA, G.M.; ARAÚJO, Z.R. Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. Estudos em Avaliação Educacional, v.17, n.33, página 137-148, 2006. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1281/1281.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2021.
- ARTE e Tecnologia | Expresso Futuro Com Ronaldo Lemos. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (26min). Publicado pelo canal Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwL3C_x38tQ&>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- BARBOSA, A.M. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: _____. (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 98-112.
- _____. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 149p.
- BARBOSA, A.M.; COUTINHO, R.G., Ensino da Arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. São Paulo: Unesp/Re- defor, 2011. 64p.
- BRASIL. [Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- _____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regula- menta a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000. Disponível em: <[planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <[planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 01 dez. 2020.
- _____. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- CARDOSO, B. 9 em cada 10 brasileiros usam celular Android, diz relatório do Google: estudo revela hábitos de usuários no celular e na Internet. Techtudo, 21 de set. de 2020. Disponí- vel em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/09/9-em-cada-10-brasileiros-usam-celular-android-diz-relato- rio-do-google.ghtml>>. Acesso em: 10 de out. de 2022.
- CARVALHO, D.; MANZINI, E.J. Aplicação de um programa de ensino de palavras em Libras utilizando tecnologia de realidade aumentada. Revista brasileira de Educação Especial, Marília, v.23, n.2, p.215-232, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/n48zDNF4bSqzs7xHwQQ-774c/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 dez. 2022.
- CASTILHO, L.; FOMIN, C. F. R. O educador surdo e o tradutor intérprete de Libras na mediação cultural: um estudo de caso no Museu de Arte Moderna de São Paulo. In: RIGO, N.S. (org.). Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras, vol. I. Petrópolis: Arara Azul, 2019. p. 222-253.
- ELLIOT, L.G.; OLIVEIRA, D.L.; O portfólio como instrumen- to de avaliação da aprendizagem em escola motessoriana. Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v.4, n.10, p.28-55, jan/abr 2012. Disponível em: <[https://revistas.cesgranrio.org.br/ index.php/metaavaliacao/article/view/133](https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/133)>. Acesso em: 26 out. 2021.
- FELIPE, T.A. Libras em contexto: curso básico – livro do estudante. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007. 187p.
- FERREIRA-BRITO, L. Integração social do surdo. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 7, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/ article/view/8639021>>. Acesso em: 26 jun. 2022.
- FILIPPO, D.; ROQUE, G., PEDROSA, S. Pesquisa-ação: possibilidades para a Informática Educativa. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitati- va. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <[https:// metodologia.ceie-br.org/livro-3/](https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/)>. Acesso em: 05 abr. 2021.
- FREEDMAN, K. Currículo dentro e fora da escola: represen- tações da Arte na Cultura Visual. In: BARBOSA, A.M. (org.). Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacio- nais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.126-142.
- FREIRE, P. Da leitura da palavra à leitura do mundo. Leitura: teoria e prática, Porto Alegre, v.1, n.0, p.3-9, nov. 1982. Dis-

ponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2842>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

GALASSO, B.J.B. et al. Processos de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Revista brasileira de Educação Especial*, Marília, v.24, n.1, p.59-72, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/R8nwGtrSrb3LdF9BvbxNZLt/?lang=pt>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

HERNANDEZ, F. Cultura visual, mudança educativa e projeto de Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000. 262p.

HUPPES, S. B. E. Educação e diferença: uma experiência docente em Artes Visuais na comunidade surda. 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

KAPPAUN, I.J. et al. Leitura de imagens em arte: um olhar para a educação de surdos. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.23, n.3, p.58-78, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/5852>>. Acesso em: 1 out. 2022.

LAKATOS, E.V.; MARCONI, M.A. Metodologia científica. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2017. 373p.

LANNA JÚNIOR, M.C.M. (Org.). História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

LEÃO, G. B. de O. e S.; OLIVEIRA, M. de.; SOFIATO, C. G. A imagem na educação de surdos: usos em espaços formais e não formais de ensino. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 51-63, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reveducacao/article/view/3001>>. Acesso em: 4 out. 2022.

MARTINS, M.H. O que é leitura. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOREIRA, D.A.; SILVA, M.C.R.F.; VIANA, B.M. O ensino de artes na contemporaneidade: uma experiência metodológica de ensino de arte para crianças surdas. *DAPesquisa*, Florianópolis, v. 4, n. 6, 2009. p. 344-350. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14188>>. Acesso em: 02 de out. 2022.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>>. Acesso em: 03 jan. 2023.

_____. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. 2002. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127160>>. Acesso em: 03 jan. 2023.

PILLAR, A.D. Leitura e releitura. In: _____. (org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 7-17.

QUADROS, R.M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista*, Florianópolis, SC, n. 05, 2003. p. 81-111.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224p.

REILY, L.H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: GESUELI, Z.M.; KAUCHAKJE, S.; SILVA, I.R. (org.). Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e realidades. São Paulo: Plexus Editora, 2003. p.161-192.

_____. Escola inclusiva: Linguagem e mediação. Campinas: Papirus, 2004.

RESENDE, A.P.C; VITAL, F.M.P. (Coord.) A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: versão comentada. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008. 202p.

SILVA, G.M.D. Imagens de movimentos artísticos e literários: uma alternativa de diálogo do aluno surdo com o mundo. *Espaço: Informativo técnico-Científico do INES*, Rio de Janeiro, n. 35, jan./jun. 2011. p. 72-77. Disponível em: <<https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1376>>. Acesso em: 04 out. 2022.

ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1376>. Acesso em: 04 out. 2022.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: ed. Da UFSC, 2008. 118p.

THOMA, A.S. et al. Relatório sobre a política linguística de educação bilíngue: língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3120077/mod_folder/content/0/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 10 out. 2022.

TINOCO, E.F.V. Portfólios: mais um modismo na educação? *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v.6, n.2, página 457-467, 2012. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/246>>. Acesso em: 26 out. 2021.

TOJAL, A. F. Acessibilidade e inclusão de públicos especiais em museus. In: TOJAL, A.F., et al. Caderno de acessibilidade: Reflexões e experiências em museus e exposições. São Paulo: Expomus, 2010. p. 11-19.

_____. Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus. 2007. 322f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade São Paulo, São Paulo, 2007.

TORRES, J.G.V. O direito cultural da pessoa com deficiência. Orientadora: Soledad Galhardo. 2012. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre cultura e comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

ZANELLATO, J.R. Portfólio como instrumento de avaliação no ensino de graduação em Artes Visuais. Orientadora: Maria Eugênia L. M. Castanho. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008.